

O mundo de Flora

Giselda Medeiros

O filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), em seu *A Poética do Devaneio* (1988, p.119), enseja-nos uma reflexão a respeito da relação infância/ efemeridade ao asseverar: “A razão desse valor que resiste às experiências da vida é que a infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar”. E, mais à frente (p.112), assegura: “A infância vê o Mundo ilustrado, o Mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras”.

Logo do início, a leitura de *O Mundo de Flora* (Fortaleza: Edições UFC, 2007), de Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, incita-nos a mergulhar fundo na veracidade desta assertiva. Vejamos: a menina Flô, que herdou da bisavó o nome (Flora), herdou também a faculdade imaginativa, e, por essa razão, as cousas ao seu redor passam a ganhar nova feição, ou seja, a renascerem a cada instante, carregadas de cores mais intensas, de brilho verdadeiro. Comprovemo-lo com o que está registrado em “meu diário” (p.182), onde se lê:

Como é noite e me sinto triste, procuro, na solidão do meu quarto, pensamentos de Deus que me animem. Depois, espero ainda, e ele vem. Então - metamorfose! - o que era trevas é agora o dia claro do amor.

Iguais a esta passagem há, ao longo da narrativa, muitas e muitas outras, capazes de identificar essa força dionisiaca, característica de quem transporta, da infância, a chave mágica para abrir sempre um recomeço. E a menina que, desde cedo, mesmo antes de aprender a ler, folheava livros, papéis, diários, cartas, cartões, sentindo, pressentindo, enquanto os pegava e os respirava, carregava, no sangue, a paixão desmedida pela leitura. E lia

Revistas antigas do avô: MORREU MANOLETE escrito em letras garrafas, em cima da fotografia que gravara o instante trágico - os chifres do Miúra levantando no ar o famoso matador.

Lia bulas de remédios. Lia livros de história do Brasil e, de noite, chorava lembrando o velho Imperador que queria morrer com a cabeça apoiada

em uma almofada de terra do Brasil.

Odiava, com a força de seus seis anos, o Marechal Deodoro, que expulsara o bom velhinho.

O *Mundo de Flora* está carregado de lições de vida. As personagens vão surgindo aleatoriamente, mas dentro de um tempo e de um espaço marcados pela observação da narradora (Flora, Flô, Flor, Flozinha, Florzinha), que aparece na narrativa tal qual um maestro a reger os vários instrumentos, vozes, notas que compõem a sonata da vida, nem sempre bela, mas nem sempre destoante. Essas personagens são movidas por esse poder criacional e imaginativo de sua personagem central, narradora onisciente, mais que isso, autospectiva, uma vez que conta a sua própria vida, e, mais ainda, personagem retrospectiva, pois conta fatos do passado, em *flash-back*. Intuamos:

Teria três anos? Estou só de calcinhas - calcinha V8 não, mamãe. Vê tudo! - sentada em um banquinho da cozinha. Mamãe me dá na boca uns pedacinhos de sapoti. Eles estão cortados em gomos e arrumados no prato como uma flor. Acho bonito e como com gosto.

Outras vezes, é bom que se diga, nota-se a alternância do foco narrativo para a terceira pessoa, muito embora apreendamos que é a própria personagem que fala de si, do mundo ao seu redor, através do discurso indireto livre:

A menina teve pena. Amarelo você é, mas empambado é não. Defenderia o Chicuto contra todos. Seguraria sua mãozinha e andaria com ele na frente de todo mundo.

(...) Enfrentaria pau e pedra. Brigaria com os meninos da rua. Com o rosto escalavrado, sangue correndo, seria aplaudida, receberia medalha de heroína.

Os olhos se enchem de lágrimas. Tudo se enevoava e a menina nem viu os olhos grandes do Chicuto, quando perguntava: E o que é empambado, Flô?.

Angela Gutiérrez aplica o tempo em sua narrativa como se ele fosse uma fuga, algo que, a um simples fechar e abrir de olhos, se faz e se desfaz como as nuances de um arco-íris, numa tentativa de provar a insustentabilidade desse ginete, a que chamamos tempo. Além do mais, a interioridade dos diálogos, as intervenções repentinas, a in-

terseção do real com o imaginário, o fluxo da consciência, elementos necessários para se analisar o tempo dentro de uma obra, tudo isso se apresenta na mais perfeita harmonia, aliada ao discurso vigoroso da autora, que atribui, também ao tempo, os valores afetivos, intuídos pelo “eu” de cada personagem, isso mostrado numa simultaneidade de passado e presente, na vivência das personagens em suas espessuras individuais, o que deixa à mostra a dimensão da sua experiência acumulada ao longo do processo narrativo.

Foi ontem, talvez anteontem, só sei que hoje não foi! Estávamos em volta da mesa, pratos amarelos, caras amarelas, e nenhum luar banhava a nossa noite de agosto.

Foi ontem, talvez, ou foi no sábado, ou um ano já se passou?

Uma leve viração agitava as folhas da trepadeira que se enroscava no tronco morto do cajueiro. Na televisão, o anúncio de sabão. Uma das crianças chorou e a outra a imitou. (...) E o anúncio de sabão queria alegrar nossas vidas com promessas de cores sempre firmes e brancos superpuros..

O espaço, em *O Mundo de Flora*, é apreendido pela memória de Flô, de cujas imagens escorregam lugares, movimentos, falas, objetos, sensações, medos, cores e sentimentos, deixando ao leitor a tarefa de organizar e montar, como num jogo de quebra-cabeça, a história, que, a partir daí, vai desvencilhando cenas, quais fossem pinturas saltadas da tela do seu cotidiano e que irão mostrar a mundividência de suas personagens.

Às vezes, fascinada, mergulhando no abismo do medo, entrava na sala proibida e abria um livro grande, que ficava na prateleira mais baixa. Atraíam-me suas gravuras, sob as quais com dificuldade distinguia as letras D-O-R-Ê.

Aqueles seres contorcidos, aqueles rostos torturados das ilustrações povoavam, à noite, os meus sonhos.

(...) No 2º. andar, estava o quarto de meu bisavô, o ser mais vivo daquela casa.

(...) Eu o amava. Nos meus quatro anos, ele era Deus.

A narrativa de Angela Gutiérrez quebra os padrões da linearidade, o que exige do leitor atenção redobrada para não se perder nos meandros dos solilóquios internalizados nas falas, nas emoções e pensamentos de sua personagem-narradora. Os capítulos, se assim os pudemos denominar, são marcados por frases, em sua maioria, não-verbais, que

nos vão adiantando o assunto a ser narrado ou descrito. Aliás, há passagens descritivas de grande poder encantatório quer pela elegância da descrição, quer pela fidelidade ao que está sendo descrito:

O anjinho teria dois anos, estava roxo, tinha chumaço de algodão nas narinas e crostas de sangue no queixo e nas orelhas.

(...) E suas mãozinhas, tão apertadas, queriam expressar alguma coisa que me doeu dias e dias, noites e noites.

Relevante, também, neste *O Mundo de Flora*, é o farto emprego de expressões do linguajar popular, entremeadas à linguagem culta dos Romeu, gente apessoada, de berço e de alto padrão cultural e econômico. Isso, a nosso ver, é um dos pontos altos do romance, o que dá o suporte de veracidade dentro do ficcional. Há, portanto, no romance, um verdadeiro glossário no corpo da narrativa, propiciando-nos uma rica visão da linguagem da época em que se passa a história. Não há nenhum exagero, pois, ao se dizer que é esta ferramenta a que movimenta as ações mais interessantes, mais engraçadas e, por vezes, as mais verossímeis:

A menina magra, de sete anos, se achava feia. Os cabelos lisos e os olhos puxados lhe davam um ar de índia, índia branca. Queria ter os cabelos anelados e as pernas grossas da irmã. Esqueleto da maçonaria. Os irmãos mangavam dela: esqueleto da maçonaria. Cigarro. Era um cigarro: branca e comprida. Zangava-se, batia o pé no chão. O pai dizia: não liga, minha filha, não dê cavaco.

Curioso também é a inclusão de causos, superstições, mezinhas que, ao longo da narrativa, vão assumindo relevo pela valiosa colaboração em tirar dos pormenores tonalidades inusitadas, enriquecendo, destarte, o fluxo narrativo, cujas tensões acabam por sequestrar o leitor. Vejamos este trecho de “Sangue doce para muriçoca”, em que a menina Flô, nas suas danações infantis, atira uma certa pedrada numa casa de maribondos e acaba sendo atacada por eles:

Flor se esgoelou no mundo, mas o velho não se alterou. Num adiantava tanto chororô, que ele ia espremer até sair o esporão. Maribondo é bicho reimoso, menina, debaixo da pele da gente dá febre com tremilique.

De noite, o avô examinara. O Chagas ao menos lavou as mãos, Flor?

– Lavou não, vovô, mas depois que o esporão saiu, a Lelé botou umas

folhas de coirama em cima das picadas.

- E o tratamento serviu, Flor?

- Tou boazinha da silva, vovô.

(...) Dava conselhos. Flô, num aponta pras estrelas, que é pra num criar berruga. Tá cum defluço? Mastruz. Tá cum dor no pé da barriga? Chá de folha de goiabeira. Tripa desunerada? Chazinho de cidreira. Fogo nos estombos? Sumo da corama pisada e esprimidinha. Nos jejunos.

Não se pode deixar de notificar o jogo de aproximação do texto de Angela Gutiérrez com o de outros autores, por cujas obras a autora fez as suas viagens literárias, o que resulta num trabalho de intertextualidade, de rica densidade estilística, mormente nas passagens em que a personagem narra seu declínio ocasionado pela moléstia, silenciosa, mas dolorosa, que a deixava inerte e inerte. Contudo, “caminharia, serenamente, sem vacilações, sem se apressar, sem se deter”:

Emília, o pó.

O pó de pirlimpimpim.

(...) Já me sinto voando. Emília, o pó, para onde me levará?

Lá... os corpos retorcidos do Inferno de Dante?

Ah, nunca morrer assim, num dia assim...

Que saudades que não tenho da aurora da minha vida.

A ará já não repetirá mais o mavioso nome?

Hay que tener dignidad hasta el fin, hasta la muerte.

Mas a vida da gente nunca tem termo real.

Uma cova rasa, nem larga nem funda, é a parte que me cabe.

Nem a paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Saio da vida sem entrar na história.

Depreende-se de tudo isso que Angela Gutiérrez realiza, primorosamente, através de sua personagem central, o relato de suas vivências, de suas experiências, manejando todo o elenco de suas personagens com maestria, confiança, simplicidade, guardando a fidelidade aos bens culturais e ao tempo, dosando memória e esquecimento, instantes felizes e dolorosos, histórias de vivos e de mortos, para nos dar a sua nova história, reinventada a cada personagem que cria. Em razão do que foi dito, tomamos de empréstimo, por acharmos pertinente, as palavras de Walter Benjamim, quando assim se expressa: “Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada”.

Nesta viagem pelo mundo de Flora, que é, a nosso ver, um resgate do próprio mundo da autora, os leitores, também, fazemos nossa viagem de recuperação a um mundo que pertence não só à Flora, à autora, mas a todos nós, humanos, que vivemos atrelados a uma realidade que não mudou nem mudará, apenas sabemos-la renovada, redescoberta, através da janela do velho casarão, que um dia pegou fogo (“É, Flô, ia ser bom olhar o mundo por aquela janela!”); do sono que roubava ao Adalberto os seus poemas (“veja o meu poema, inteirinho, sem tirar nem pôr uma vírgula. A não ser o nome do autor, que não é o meu.”); do olhar do mendigo (“Ele era Quasímodo e me olhara como Quasímodo olhara Esmeralda”); da vela posta na cabaça (“A menina na cama pensava na cabaça viajando nas águas escuras da lagoa a procurar o menino morto”); das benditas bengaladas que levara o Sr. Cotrim, deixando-o aliviado (“o marido entrou eufórico e, com gesto triunfal, levantou a bengala e bradou: Mulher, levei minhas bengaladas!”); das lágrimas da menina pobre ao ganhar a boneca e do nobre gesto de Flô (“- Leve, é sua, o Papai Noel deixou aqui para eu lhe entregar”); do lamento pelo filhinho morto (“meu menino, / passarinho que nunca cantou”); das árvores da infância; dos objetos tão significativos; enfim, através da poesia feito sangue, escorregando da mão de Flô, sentida, doída (“Quero cantar a canção do meu amor, / Mas onde estou que não me encontro?”).

Ler *O Mundo de Flora* é adentrar um outro mundo, misto de realidade e ficção, alegrias e tristezas, vidas e mortes, sonhos e desesperanças, encontros e desencontros, de tudo um pouco, de que a mão de Angela se plenifica para recriá-los e nos presentear, escoimado do lugar-comum. Aí, então, tudo se renova, tudo renasce com as cores da infância, vivas, naturais, como num conto de fadas.

Por fim, à Angela Gutiérrez cabem, *de facto*, estas palavras de Rilke, em uma de suas cartas ao jovem poeta Franz Xaver Kappus: “(...) Eu sou um contador de histórias, não sou outra coisa. Eu venho e conto a minha história. Aquilo que eu sei e como sei. Isso é o que importa”.